

Intervenção Arqueológica na Horta João Lopes, Selmes (Vidigueira)

*Margarida Figueiredo e Catarina Alves**

Resumo:

No âmbito da implantação dos canais de rega da *EDIA*, e com a perspectiva de minimização de impactes culturais, foi intervencionado o sítio arqueológico da Horta de João Lopes, Selmes (Vidigueira, Beja). Durante os trabalhos de escavação, definiram-se duas realidades diacrónicas na utilização deste espaço comum. Uma primeira, de cronologias pré-históricas, representada aqui por um conjunto de trinta e uma estruturas negativas de tipologias “em osso”. Uma segunda utilização já como necrópole, com dezoito sepulturas intervencionadas (e oito apenas registadas) enquadradas na Antiguidade Tardia.

Abstract:

In the context of rescue archaeology related to the *EDIA*'s water supply infrastructures it was discovered and surveyed the archaeological site of Horta João Lopes, Selmes (Vidigueira, Beja). This site included a wide range of negative structures, excavated in the soft local bed rock consistent with two different contexts: the first pre-historic one with thirty-one “bone-shaped” pits. The second one as a burial ground of the Late Antiquity, with twenty-six graves, eighteen of which have been intervened.

1. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

Localizado na freguesia de Selmes, concelho da Vidigueira no distrito de Beja (Portugal) (Fig. 1), o sítio da Horta de João Lopes encontra-se na vertente Oeste de um cerro de suaves contornos e de topo aplanado, com altitudes métricas entre os 163 e os 159 m acima do nível médio das águas do mar. A sua posição estratégica no domínio da paisagem ao seu redor é bem evidente: Selmes (da qual dista cerca de 0,7 km) surge nitidamente a Sudoeste sob os nossos olhos, tal como toda a peneplanície até Beja e, mais a Norte, até à Serra de Portel. As ribeiras de Selmes e Alcaria delimitam a Oeste o início deste cabeço, distando cerca de 100 m do topo do sítio. A fertilidade dos solos promove hoje a sua intensa utilização para culturas arvenses e olivais.

Do ponto de vista geológico, o substrato rochoso é composto por formações calcárias superficiais e crostas, designadas por “caliço”. As estruturas aqui intervencionadas encontravam-se, sem excepções, escavadas neste substrato bem maleável.

De etimologia islâmica, o nome desta freguesia de Selmes derivará da palavra árabe *salem*, nome próprio de homem que significa salvo, livre, isento. Apesar da toponímia árabe, o que prevalece hoje no discurso histórico oral e arqueológico, são as inúmeras referências às ocupações romanas em torno da povoação, nomeadamente no Monte da Ponte, onde a população diz terem sido encontrados materiais romanos – cerâmicas, fustes em mármore e algumas inscrições – aquando dos intensos trabalhos agrícolas, tal como os sítios da Chucha 1 e Chucha 2 (Cosme 2008) ; Ribeira de Alcaria 1, Zangarilho 1 e Zangarilho 2; Monte do Paço; Ribeira de Selminhos; Monte da Casa Branca e Monte da Ordem (Costa 2010). Em todos eles foram identificados vestígios variados de época romana,



Fig. 1. — Localização da Horta João Lopes, Selmes (Vidigueira)



Fig. 2. — Alguns exemplares de valas de morfologia em “osso”

associados a ocupações de villas e/ou casais rústicos. Nos casos específicos da Chucha 1 e 2 foram intervencionadas duas necrópoles romanas de cronologias distintas: a primeira de período tardo romano (séculos IV e V d.C.), a segunda correspondente ao período entre os séculos II e IV d.C. (Cosme 2008). Também no Zangarilho 1 e no Monte da Casa Branca foram identificadas duas necrópoles tardo-romanas/Alto Medievais. No primeiro especifica-se o tipo de inumação com lajes de mármore, destruída pelos trabalhos agrícolas (Alarcão 1988), o segundo não terá sido relocalizado nestes últimos trabalhos de prospecção. A proximidade das suas coordenadas com as da necrópole por nós escavada levamos a crer tratar-se da mesma ocorrência.

Quanto à ocupação pré e proto histórica, os recentes trabalhos de escavação quer no Monte do Malheiro (Barradas no prelo), quer no Núcleo C da Horta de João Lopes (Figueiredo no prelo) puseram a descoberto uma complexa realidade de estruturas negativas tipo “fossa” e em “osso” com materiais cerâmicos e faunísticos, tal como estruturas funerárias de tipo hipogeu, que poderão consolidar esta ocupação pré-histórica no espaço e no tempo.

2. OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA NA PROLIFERAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE TIPOLOGIA “EM OSSO”

No que diz respeito ao que designamos por estruturas pré-históricas, tínhamos um conjunto muito homogêneo de valas, algumas das quais posteriormente truncadas pelas sepulturas. De plano rectangular, muitas surgiam com as extremidades alargadas unidas por um corredor estreitado, a institucionalizada morfologia em “osso”, com dezoito exemplares contabilizados (Fig. 2). Outras apresentavam planos mais antropomórficos (nove exemplares), ovalados (três estruturas) e até circulares (apenas uma), geralmente de dimensões mais reduzidas (Fig. 3). A própria tipologia “em osso” variava entre si, aparecendo estruturas mais angulosas, outras mais arredondadas, umas mais toscas, outras mais regulares. Em qualquer que fosse a forma da boca, tínhamos sempre o padrão comum dos fundos mais afunilados e de paredes convergentes (mais ou menos) convexas, criando fundos mais estreitos e aplanados (Fig. 4).

Também nas orientações tínhamos uma clara prevalência pelo eixo Noroeste-Sudeste, num total de vinte cinco estruturas em detrimento de apenas quatro orientadas a Oeste-Este. Os comprimentos máximos destas estruturas andavam sempre entre 1 e 2 metros, numa média de 1,47 m. As potências de cada uma delas eram também muito similares entre si, rondando quase sempre os 0,60 m de altura (Tabela 1) Se atentarmos na planta geral do sítio e no carácter de dispersão das estruturas, constatamos uma distribuição organizada em seis

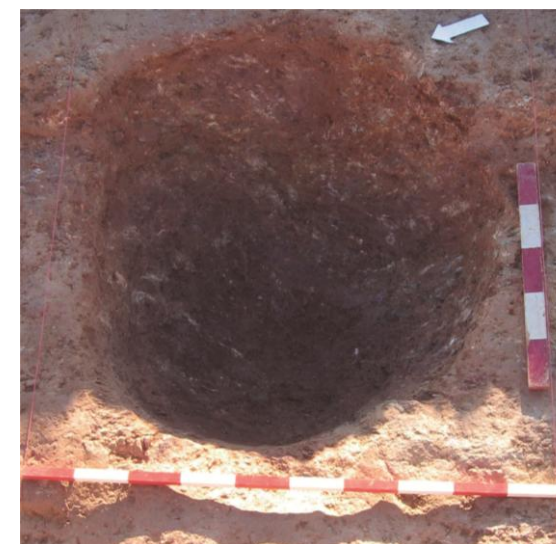


Fig. 3.— Alguns exemplares de valas com planos antropomórficos e circular

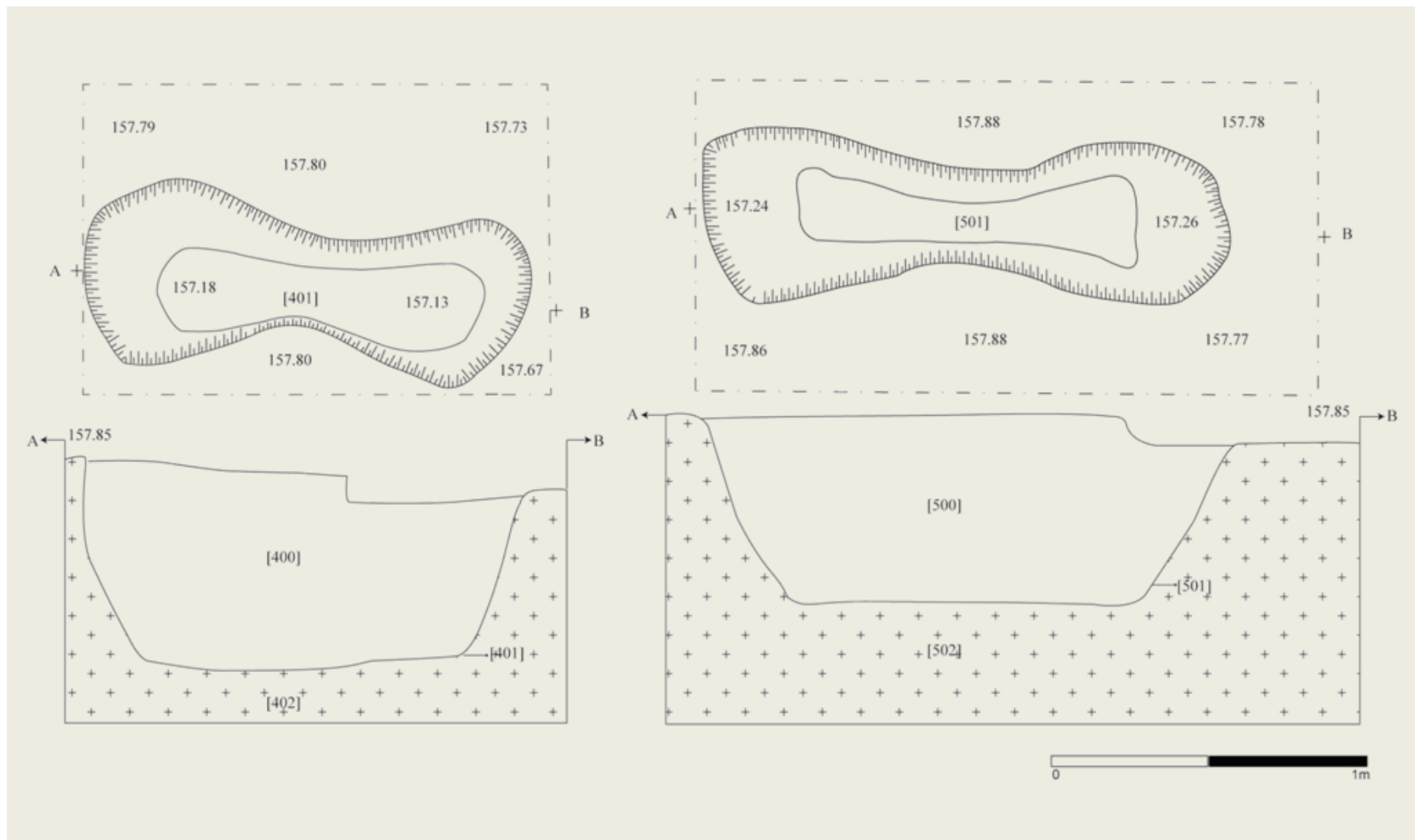


Fig. 4.— Plantas e Perfis [401] e [501]

alinhamentos Norte-Sul, diagonais à vala mecanicamente aberta, com cerca de um metro de espessamento entre cada fiada. A cada uma destas fiadas correspondiam cinco a seis estruturas paralelamente dispostas.

UEs	Morfologia	Orientação	Comprimento	Profundidade (m)	Espólio/intervenção
101	sub rectangular antropomórfica	NO-SE	1,40	0,75	1 bojo cerâmica manual
201	osso	NO-SE	1,60	0,45	-
301	sub rectangular antropomórfica	NO-SE	1,28	0,45	-
401	osso	NO-SE	1,43	0,68	-
501	osso	NO-SE	1,67	0,58	-
609	sub rectangular antropomórfica	NO-SE	1,00	apenas registrado	não intervencionada
708	sub rectangular antropomórfica	O-E	1,00	0,60	-
801	ovalada	NO-SE	1,30	0,62	1 bojo cerâmica manual
901	osso	NO-SE	1,79	0,72	-
1001	circular	?	0,90	0,60	1 bojo cerâmica manual
1104	osso	NO-SE	1,40	parcialmente escavada	-
1106	sub rectangular antropomórfica	NO -SE	1,60	0,60	-
1226	osso	O-E	1,62	0,55	-
1228	sub rectangular antropomórfica	O-E	1,60	1,00	-
1235	osso	NO-SE	1,30	0,65	-
1240	osso	NO-SE	1,65	0,75	-
1242	osso	NO-SE	1,80	0,70	-
1244	osso	NO-SE	1,60	0,65	-
1247	sub rectangular antropomórfica	O-E	-	0,44	muito destruída
1248	osso	NO-SE	-	-	não intervencionada
1308	sub rectangular antropomórfica	NO-SE	± 1,40	0,70	parcialmente escavada
1310	osso	NO-SE	1,34	0,44	-
1318	osso	NO-SE	1,50	0,73	-
1328	osso	NO-SE	1,40	0,70	1 bojo cerâmica manual
1331	sub rectangular antropomórfica	NO-SE	1,42	0,50	-
1332	osso	NO-SE	1,50	0,52	-
2107	osso	NO-SE	1,60	0,55	-
2109	indeterminada	NO-SE	0,50	-	muito destruída
2111	osso	NO-SE	1,80	-	não intervencionada
2114	osso	NO-SE	1,20	apenas registrado	não intervencionada
2201	osso	NO-SE	1,50	0,15	-

Tabela 1.— Inventário das sepulturas pre-históricas

Todas estas estruturas negativas surgiam colmatadas por um único sedimento, muito homogéneo na sua composição de matriz argilosa e coloração castanha escura avermelhada, com frequentes inclusões de nódulos de caliço, cascalho de xisto e quartzo, homogéneo e compacto ao longo de toda a sua extensão. A cerâmica manual, quase inexistente, surgia sob a forma de bojos incaracterísticos em apenas quatro das estruturas escavadas – [101], [801], [1001], [1328]. A constância nos sedimentos de colmatção, juntamente com os alinhamentos observados e com a homogeneidade das tipologias, apontam para uma utilização sincrónica entre estas estruturas, ficando por clarificar o cariz destes enchimentos: terão sido naturalmente depositados, sinónimo de uma fase de abandono ou revestem-se de uma intenção e, consequentemente, de um cariz antrópico? Esta pergunta prende-se com as questões de ordem funcional, de difícil resposta uma vez que este tipo de estruturas não oferece informação material associada. Sabemos no entanto que pelo facto de surgirem quase sempre “em bando” (Fig. 5), qualquer funcionalidade que possam ter só é atingida em número e não de forma isolada, daí que se avance, neste caso específico, com uma hipótese mais funcional relacionada com “fundações” escavadas na rocha, para um qualquer tipo de estruturação positiva. Esta é uma das abordagens possível para este caso específico.

3. NECRÓPOLE TARDO ROMANA/VISIGÓTICA

3.1. Estruturas e organização

Da utilização posterior enquanto necrópole (Fig. 6), temos vários parâmetros que nos indicam uma prática canónica institucionalizada no tratamento dos mortos. Da observação da Tabela 2 apercebemo-nos da constância na orientação Noroeste→Sudeste dos sepulcros, com excepção das Sepulturas (Seps.) 1 e 19, as quais surgem ligeiramente desviadas, fruto de uma diacronia desfasada, ou de uma intencional diferenciação das mesmas. É de difícil aferição, principalmente no caso da Sep. 1, muito destruída pelos trabalhos mecânicos.

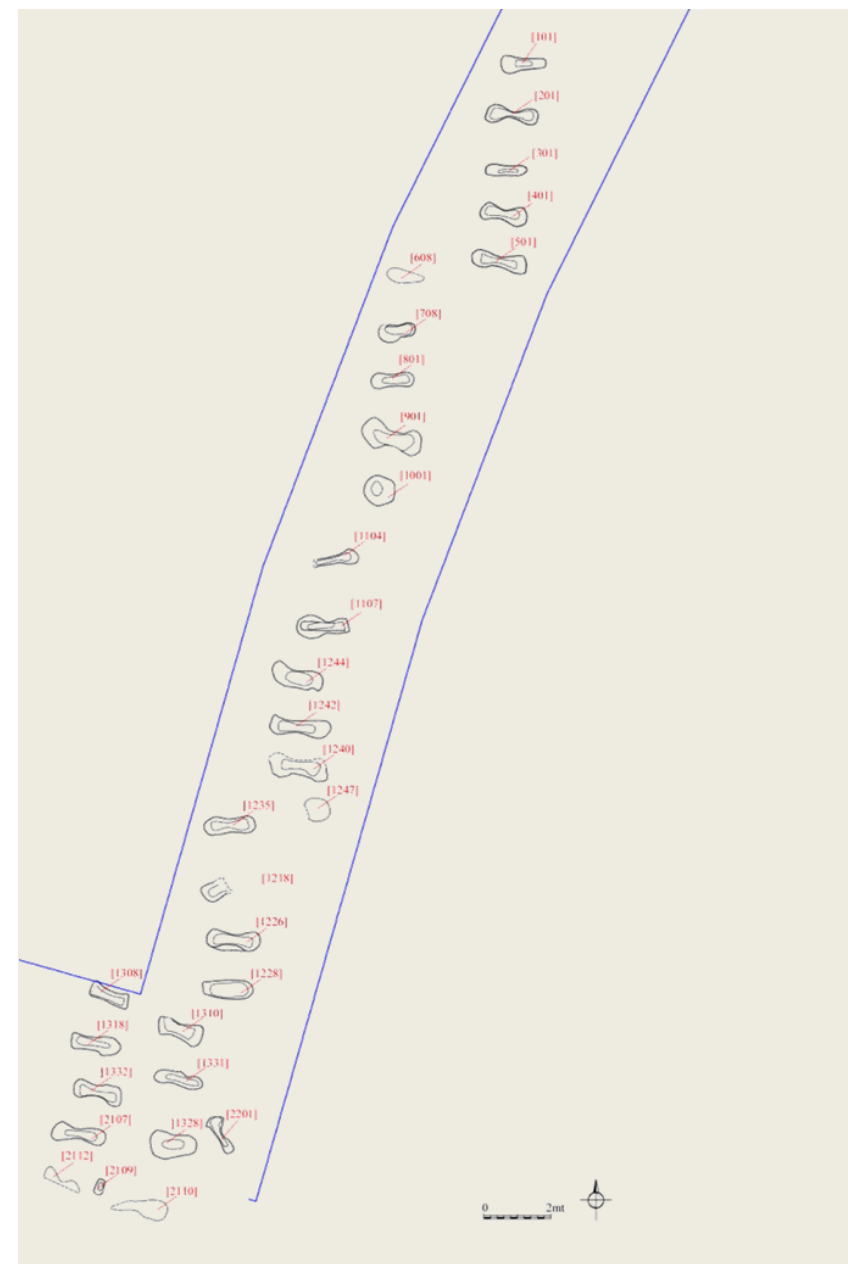


Fig. 5. — Planta geral das estruturas pré históricas

Quanto à tipologia das interfaces integralmente escavadas na rocha branda, há um claro domínio da forma rectangular, ovalada e/ou antropomórfica. As nuances detectadas mais não dizem do que uma “permitida” liberdade na escavação do sepulcro, não fugindo aos padrões vigentes. A observação possível da dispersão espacial da necrópole (Fig. 6) permitiu-nos estabelecer dois limites prováveis: um na encosta a Oeste (Sep. 14), outro no extremo Norte, junto da Sep. 7. Delimitamos, ainda, alguns conjuntos mais evidentes: no limite Norte tínhamos as Seps. 3 e 7 (Fig. 7), de morfologia antropomórfica. Um segundo núcleo enquadrava as Seps. 2, 5 e 8 (Fig. 8, acima), de grandes dimensões, plano rectangular ovalado, mais largas que as primeiras e mais profundas, com um espessamento entre si de cerca de um metro. Estas eram mais monumentais, não só no tamanho, como na cobertura e na presença de uma “caixa” mais completa. A descer a encosta registou-se um novo núcleo de mais cinco sepulturas, três das quais escavadas (Seps. 15, 16 e 18) estreitas e antropomórficas de cariz muito irregular (Fig. 8, baixo). Mais espaçadas entre si eram as Seps. 10, 11, 13, 17 e 14, com dois ressaltos interiores nas paredes laterais, onde assentavam as lajes das tampas (Fig. 9). Na génese destes conjuntos poderão estar razões que se prendem não só com a diacronia da ocupação do espaço, como também com as relações de parentesco entre os indivíduos inumados.

No que diz respeito à estruturação e enchimento das sepulturas tínhamos uma sequência muito linear: das dezoito sepulturas escavadas apenas três não apresentavam qualquer tipo de tampa (Seps. 1, 9 e 12), e noutra (Sep. 3), surgiam apenas fragmentos de lajes xisto e de cerâmica muito fragmentados, que interpretamos como indícios de uma cobertura. Esta ausência deverá estar relacionada com o maior nível de destruição a que foram sujeitas e não com uma escolha deliberada de não utilização do mesmo sistema de cobertura com lajes. A utilização de uma “caixa” de tijolos e lajes no interior das estruturas pareceu-nos mais arbitrária. Este conceito aqui é mais figurativo, na medida em que nunca se registaram quatro paredes de tijolos/lajes de xisto, como por exemplo

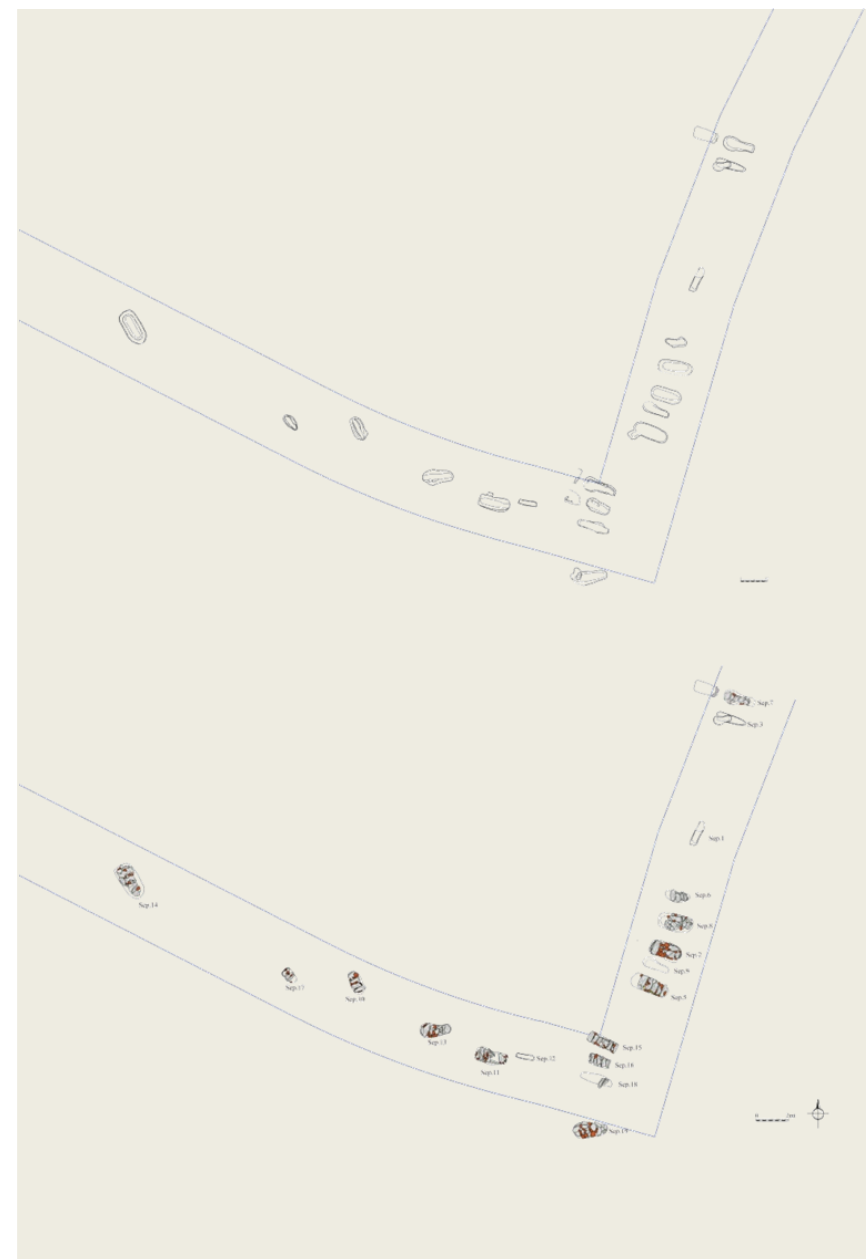


Fig. 6.— Planta geral da necrópole Tardo Antiga

Sepultura	UEs	Morfologia	Dimensões (cm)	Orientação	Tampa	Caixa
1	1102	rectangular/oval	150 x 44 x 7 (↓)	NE → SO	não	não
2	1221	rectangular antropomórfico	198 x 85/55 x 65 (↓)	NO → SE	sim	sim
3	706	rectangular antropomórfico		NO → SE	sim	não
5	1218	rectangular/oval	225 x 85 x 60 (↓)	NO → SE	sim	sim
6	1222	sub-rectangular/oval	135 x 60 x 45 (↓)	NO → SE	sim	não
7	607	rectangular antropomórfico		NO → SE	sim	sim
8	1238	rectangular/oval	210 x 65 x 60 (↓)	NO → SE	sim	não
9	1233	rectangular antropomórfico	175 x 60/40 x 25 (↓)	NO → SE	não	não
10	1706	rectangular/fundo antropomórfico, bancadas laterais	174 x 80 x 50 (↓)	NO → SE	sim	não
11	1504	rectangular/fundo antropomórfico, bancadas laterais	195 x 75 x 55 (↓)	NO → SE	não	não
12	1403	rectangular/oval	170 x 33 x 10 (↓)	NO → SE	não	não
13	1605	rectangular/fundo antropomórfico	192 x 85 x 52 (↓)	NO → SE	sim	sim
14	1905	rectangular/fundo antropomórfico, bancadas laterais	203 x 115 x 70 (↓)	NO → SE	sim	não
15	1306	rectangular antropomórfico	200 x 85/30 x 50 (↓)	NO → SE	sim	sim
16	1316	rectangular antropomórfico	150 x 66/20 x 40 (↓)	SE → NO	sim	sim
17	1804	rectangular/fundo antropomórfico, bancadas laterais	156 x 80/65 x 50 (↓)	NO → SE	sim	não
18	1325	rectangular/oval	200 x 50 x 30 (↓)	O → E	sim	não
19	2105	rectangular antropomórfico	225 x 90/60 x 55 (↓)		sim	não

Tabela 2.— Inventário das sepulturas tardo antigas

nas necrópoles de Munigua, em Sevilha (Eger 2006), ou de Cartagena (Madrid e Vizcaíno 2006). O que se observou, em apenas seis sepulturas, foi a disposição de duas ou mais lajes/tijolos verticalmente encostados às paredes laterais e/ou interiores das estruturas. Curiosamente os dois únicos casos em que o conjunto vertical era considerável correspondem às Seps. 2 e 5, lado a lado uma da outra e de características muito semelhantes, com um indivíduo masculino e outro feminino. Haverá aqui alguma correlação entre elas? Um parentesco ou uma situação de enterramento simultâneo?

Na colmatção, com excepção das já referenciadas sepulturas muito destruídas e remexidas, tínhamos sempre após a colocação do esqueleto e do respectivo ossário, um depósito muito solto de sedimento e substrato geológico desagregado, limpo de qualquer inclusão material ou osteológica, seguido da tampa de lajes de xisto e fragmentos de cerâmica construção (Fig. 10). Um novo sedimento cobria as pedras, mais heterógeneo e com uma componente vegetal muito superior, onde geralmente surgiam esquirolas de osso, fragmentos muito pequenos de cerâmica e fauna. Um verdadeiro aterro que cobria e disfarçava (?) qualquer indício de sepultura. O que nos indica que os sepulcros se mantinham discretamente no terreno, e que as tampas não serviriam de sinalizadores espaciais.

3.2. Espólio funerário

A ocasional presença de espólio, distribuído aqui por sete sepulturas, vem de encontro ao que se tem vindo a observar nas restantes necrópoles escavadas. Esta presença exígua é de facto uma característica nas inumações visigóticas, pelo que parece representar uma ideologia e um câmbio na ritologia da morte, mais do que um indicador de restrições económicas. A cerâmica, mais rarefeita, encontrava-se presente sob a forma de pequenos jarrinhos (Seps. 7 e 12) e um unguentário (Sep. 15) de cerâmica comum (Fig. 11), sempre colocados na zona da cabeceira. Esta produção local de cerâmicas de carácter mais grosseiro, com pastas muito mal depuradas, montadas a torno lento com cozeduras em ambiente redutor, conjugadas com as formas de perfil piriforme e bases planas remetem-nos para as produções peninsulares visigóticas e são muito comuns em necrópoles como Gerena (Fernández Gómez *et al.* 1987), El Carpio del Tajo (Ripoll 1985) e Pamplona (Mezquíriz 1965) contextualizadas dentro do século VII. O uso de engobe vermelho, atributo decorativo e técnico, nos recipientes das Seps. 7 e 15, é também habitual nos conjuntos peninsulares de Época Visigótica em contextos bem definidos entre os séculos VI e VIII (Varela Gomes 2002).



Fig. 7.— Sepultura 3: ossário [703] e enterramento [705]; Sepultura 7: ossário [603] e enterramento [604]



Fig. 8.— Sepultura 2: ossário [1215] e enterramento [1219]; Sepultura 5: ossário [1212] e enterramento [1213]; Sepultura 8: enterramento [1237]; Sepultura 15: ossário [1303] e enterramento [1304]; Sepultura 16: ossário [1314] e enterramento [1315]; Sepultura 18: ossário [1323] e enterramento [1324]

A pasta beije mais clara e depurada do jarrinho da Sep. 12, faz lembrar algumas peças de cerâmica comum do Baixo-Império (séculos III a IV), o que não é de estranhar neste enquadramento de continuidade material/tipológica dos séculos posteriores. Em território português os paralelos mais próximos chegam-nos da necrópole do Poço dos Mouros em Silves (Varela Gomes 2002).

Foram ainda recuperados alguns objectos de adorno pessoal em liga de cobre, num total de cinco (argolas) brincos inteiros (Seps. 11, 15 e 16) (Fig. 12), duas fivelas (Seps. 10, e 11) e um anel (Sep. 15) (Fig. 13). A tipologia dos brincos encontrados, muito homogénea nos seus traços gerais, encontra-se bem documentada nas necrópoles de El Carpio del Tajo (Ripoll 1985), Camino de los Aflijidos (Fernández Galiano 1976), Almedinilla (Berenguer 1990), com uma cronologia que vai desde o século IV ao século VI d.C., com uma intensa circulação registada a partir dos finais do século V (Ripoll 1998).

3.3. Estudo osteológico: aproximação paleobiológica

A análise osteológica ofereceu-nos uma perspectiva de uniformidade muito semelhante à já encontrada na morfologia/tipologia dos sepulcros (Fig. 14). Os indivíduos eram depositados directamente no fundo da vala, quase sempre Noroeste→Sudeste, em decúbito dorsal e cabeça centrada ou descaída para os lados. Na deposição dos membros superiores encontrava-se alguma variedade, sendo que o mais comum eram as duas mãos sobre a bacia, ou a mão esquerda sobre a bacia e a mão direita sobre o tórax. As pernas encontravam-se sempre esticadas e paralelas, com os pés mais ou menos juntos, conforme o espaço da sepultura. Directamente assentes sobre os indivíduos encontravam-se os respectivos ossários – geralmente colocados de forma organizada no limite Sudeste da sepultura – salvo raras excepções onde os ossos desconexos apareciam espalhados no interior da vala aberta (Sep. 19), ou não apareciam de todo (Seps. 6, 11 e 17). Em alguns casos surgiram ainda algumas conexões



Fig. 9.— Sepultura 10: enterramento [1704]; Sepultura 11: enterramento [1503]; Sepultura 13: enterramento [1603]; Sepultura 17 [1804]; Sepultura 14: ossário [1903] e enterramento [1904]

anatômicas que não fazendo parte do indivíduo aí inumado, prevaleceram nas sepulturas fruto de uma “limpeza pouco cuidada” (Seps. 17 e 19). Estas constituem excelentes indicadores na compreensão da utilização deste espaço funerário.

Às 18 sepulturas intervencionadas encontravam-se associados quarenta e cinco indivíduos inumados: vinte dos quais em deposição primária e vinte e cinco contabilizados posteriormente nos ossários/reduções. Um valor sugestivo do fenómeno de reutilização. Os restos osteológicos inumados, regra geral relativamente bem preservados, permitiram-nos uma aproximação paleobiológica interessante: dos quarenta e cinco indivíduos contabilizados, tínhamos uma predominância de indivíduos adultos com 62% (correspondentes a 28 indivíduos)



Fig. 10.— Coberturas de sepulturas: [601]; [1204]; [1206]; [1223]; [1301]; [1501]; [1601]; [1701]; [1901] e [2101]

para uma percentagem inferior mas significativa de não adultos, igual a 38% (17 indivíduos). Dentro dos adultos registou-se uma ligeira prevalência feminina (46%) num total de treze mulheres para nove homens (32%). Destes mesmos adultos, apenas três apresentavam características específicas de uma idade mais avançada (+ de 50 anos) (Fig. 14).

As patologias registadas mostraram um padrão de enfermidades orais muito evidente em todos os dentes observados, adultos e não adultos. As perdas de dentes ante morte, o desgaste acentuado e baixa incidência de lesões cariogénicas encontram-se associados a uma dieta abrasiva, rica em cereais, com uma implícita pobreza de alimentos e escassez de açúcar. Esta alimentação pouco variada e talvez insuficiente promoveria outro tipo de implicações carenciais, como as hipoplasias do esmalte, igualmente significativas neste conjunto, e os processos porosos, como a cribra orbitalia observada num único crânio adulto.

Para além dos dentes registaram-se alguns casos pontuais de patologia degenerativa - artroses e entesopatias ligeiras. Os únicos casos mais exuberantes diziam respeito a uma infecção generalizada e activa, traduzida na deformação e aspecto muito estriado ao longo das pernas do indivíduo adulto masculino [1704/1705] (Sep. 10), e numa fractura óssea com regeneração no cúbito adulto esquerdo do Ossário II [703] (Sep. 3).

A significativa taxa de mortalidade infantil, aliada à escassez de indivíduos com idades superiores a 50 anos, apontam para uma esperança média de vida pouco elevada. A presença de hipoplasias de esmalte em muitos dos dentes observados, sugere deficiências nutricionais (Mays 1998). O facto de não surgirem marcas ocupacionais nas inserções musculares/articulações numa sociedade que se pretende marcadamente agrícola, poderá ter uma explicação na sobrerrepresentatividade das mulheres e da presença de um número significativo de crianças.



Fig. 11.— Espólio funerário cerâmico

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção no sítio da Horta João Lopes permitiu a constatação de dois novos casos sintomáticos do redesenhar das malhas de povoamento no interior (Sul) alentejano. Um primeiro contexto correspondente ao surgimento de mais um núcleo organizado de valas de tipologia muito característica e morfologicamente enquadrado na pré-história recente, mas rodeado de incógnitas. E um segundo momento inerente ao faseamento e funcionamento de um mundo rural, dividido entre as *villae*/casais romanos e os bispados/paróquias cristãos.

Da primeira realidade, e apesar dos naturais constrangimentos impostos pela reduzida área decapada, foi possível identificar o que parecem ser seis alinhamentos principais de distribuição planimétrica de estruturas negativas. A notória homogeneidade de tipologias, orientações e colmatação das estruturas, bem como a sua organização no espaço sugerem uma utilização em simultâneo e articulada com o mesmo propósito.



Fig. 12. — Espólio funerário metálico (ligas de cobre). Argola e brincos

A consolidação deste tipo de ocupação no espaço e tempo continua em debate e os dados aqui apresentados apesar de colocarem mais um ponto no mapa não resolvem as questões ainda pendentes. Deste modo, auxiliamo-nos de outros sítios na mesma região cujas relações estratigráficas de anterioridade/posterioridade enquadram estes conjuntos no III milénio a.C., como seja o caso de Montinhos 6 (Baptista e Gomes 2011), Santo Estevão 1 (Baptista e Gomes 2012) (Brinches), Monte das Aldeias (*Ibidem*), Poço Novo 1 e 2, Barranco da Ordem 1 (Figueiredo *et al.* 2013) e Fareleira 2 (Pedrogão) (Figueiredo no prelo).

Como já referimos os enchimentos não revelaram elementos suficientes para a sua caracterização e ainda que existam sítios como a Fareleira 2, Monte da Barrada 1 (Pedrogão, Vidigueira) com vestígios de lareiras e evidências de despejo de restos de animais, cremos que estas serão utilizações secundárias, sem que se perceba a intencionalidade primária da sua escavação. Este é um debate aceso na Europa central, nomeadamente na Normandia, onde já existem inclusive datações radiocarbónicas que as colocam *grosso modo* entre Neolítico antigo e o Bronze final, dependendo dos casos. Relativamente à sua funcionalidade, várias são as propostas, desde estruturas negativas de apoio a actividades artesanais como seja a maceração de têxteis; associadas ao culto sacrificial ou até relacionadas com a actividade cinegética, interpretando estes interfaces como armadilhas para caçar animais selvagens (dos quais existem vestígios no seu interior) (Achard-Corompt 2011), ou bases de fundação de estruturas que se prolongariam verticalmente.

Neste caso específico, pelos moldes de distribuição e pela ausência de qualquer evidência obrigatória na utilização muito específica deste “campo de estruturas em osso”, assumimos como mais certo a conjugação e utilização única na diferenciação de um qualquer espaço comum, com um particular paralelismo com os sítios de Montinhos 6 e Santo Estevão 1 (Baptista e Gomes 2011), sem com isto querer encerrar um debate, mas contribuir na descodificação da etimologia destas estruturas.



Fig. 13.— Espólio funerário metálico (ferro). Fíbula e anel

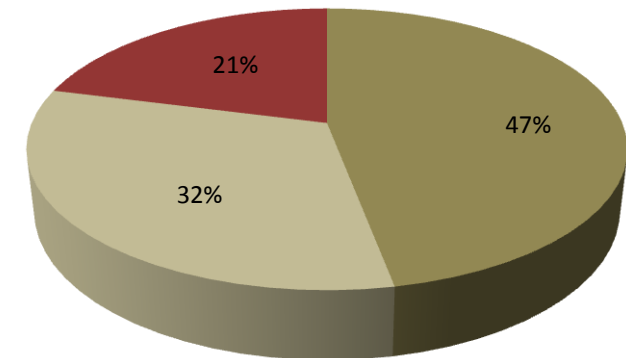
O segundo contexto, já de necrópole, vem pôr em evidência uma realidade exígua e mal representada no Sul do território actualmente português, relativa à ocupação rural (fora do domínio das villae) num período de transição entre a influência romana e o domínio visigodo. Os contextos funerários são exíguos e surgem na sua maioria pouco representados e já muito destruídos, com excepção de Mértola (Lopes 2009), onde o fenómeno se encontra bem testemunhado. Temos as escavações nos sítios da Perna Seca em Silves (Rocha, Gonçalves e Santos 2003) e da Ribeira de Arade (Mateos e Pereira 2006), com duas sepulturas escavadas na rocha, com um “modus operandi” muito similar ao encontrado aqui. Temos, ainda, os testemunhos do Vale dos Lorgos e da Bica Alta, em São Bartolomeu de Messines (Varela Gomes 2010), onde foram encontradas três sepulturas paralelepipedas, escavadas na rocha com cobertura e “caixa” em lajes de xisto. O sítio mais esclarecedor, embora estudado muitos anos mais tarde, corresponde à necrópole do Poço dos Mouros, em Silves (Varela Gomes 2002).

As características arquitectónicas e rituais, juntamente com o espólio recolhido fazem desta necrópole um novo ponto de referência no enquadramento do mundo rural durante este período de transição – séculos V e VII d.C. Apesar da permanência de um cunho marcadamente romano, ressalta uma clara mudança na forma de homenagear os mortos, fruto não apenas da imposição e proliferação do cristianismo, mas também da necessidade de reorganização do(s) espaço(s).

O continuado estudo e prospecção desta zona e destas estruturas permitir-nos-á o estabelecimento de uma rede de assentamentos populacionais e o conhecimento do *modus vivendi* destas mesmas populações agro-pastoris, na esperança de uma maior percepção das malhas de povoamento de um território agrícola em constante mutação.

Diagnose sexual

■ Femenino ■ Masculino ■ Indeterminado



Idade

■ Adultos ■ Não adultos

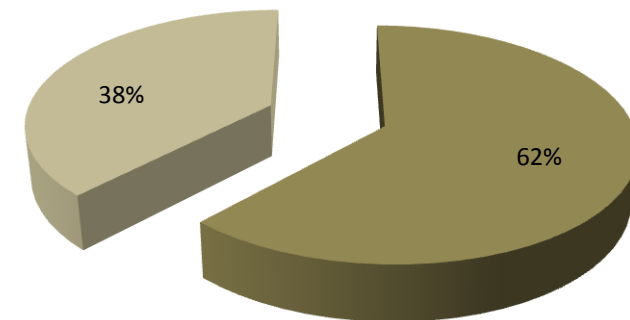


Fig. 14— Ilustração gráfica: Diagnose sexual e Idades

BIBLIOGRAFIA

- ACHARD-COROMPT, N. *et al.* (2011): “Les fosses à profil «en V-Y-W»/Schlitzgruben: retour sur une énigme”. *Le Néolithique du Nord de la France dans son contexte européen: habitat et économie aux 4^e et 3^e millénaires avant notre*. *Révue Archéologique de Picardie n^o spacial 28*. Dijon: 549-558.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2011): *Intervenção Arqueológica em Montinhos 6, no âmbito do Sistema Global de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (Bloco de Rega de Bronches-Enxoé)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Santo Estêvão 1*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e MATA, V. (2012): *Circuito Hidráulico do Pedrogão. Intervenção Arqueológica em Monte das Aldeias*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BARRADAS, N. (em preparação): *Monte do Malheiro. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Pedrogão (Vidigueira)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BERENGUER, C.S. (1990): *La Necropolis Tardorromana de “El Ruedo”, Almedinilla*. Córdoba.
- COSME, S. (2008): *Trabalhos de Escavação Arqueológica. Relatório Final Chucha 2, Selmes, Beja. Bloco de Rega do Pisão. Aproveitamento Hidroagrícola de Alvito-Pisão. Trabalhos de minimização de impactes*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- COSTA, B.M.F. (2010): *Trabalhos de avaliação de impactes sobre o património cultural no circuitohidráulico de Pedrogão (Vidigueira, Beja)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- EGER, C. (2006): “Tumbas de la Antigüedad Tardía en Munigua. Tipos de tumba, ritos de enterramiento y ajuares funerarios en una pequeñaciudad del sur de España en los siglos III/IV a VII”. *Anales de Arqueología Cordobesa* 17 (II): 137-160.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, D. (1976): “Excavaciones en la necrópolis hispano-visigoda del Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares)”. *Noticiario Arqueológico Hispánico* 4: 5-90.

- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., SIERRA FERNÁNDEZ, J.A. de la e LASSO de la VEGA, M.G. (1987): “La basílica y necrópolis paleocristianas de Gerena (Sevilla)”. *Noticiario Arqueológico Hispánico* 29: 103-199.
- FIGUEIREDO, M. (2012): *Horta de João Lopes, Núcleo A. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Selmes (Vidigueira)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M. (em preparação): *Horta de João Lopes, Núcleo C. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Selmes (Vidigueira)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M. (em preparação): *Fareleira 2. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Pedrogão (Vidigueira)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M., BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2013): *Circuito Hidráulico do Pedrogão. Intervenção Arqueológica no Poço Novo 1*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M., BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2013): *Circuito Hidráulico do Pedrogão. Intervenção Arqueológica no Poço Novo 2*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M., BAPTISTA, L., GOMES, S. (2013): *Circuito Hidráulico do Pedrogão. Intervenção Arqueológica no Barranco da Ordem 1*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- LOPES, V. (2009): “As Necrópoles de Mértola. Do Mundo Romano até à Antiguidade Tardia”. *Actas del III Congreso Internacional de Arqueologia, Arte e História de la Antigüedad Tardia y Alta Edad Media peninsular. BAR International Series*. Oxford: 31-58.
- MADRID, M.J. e VIZCAÍNO, J. (2006): “La necrópolis tardoantigua del sector oriental de Cartagena”. *Anales de Arqueología Cordobesa* 17 (2): 195-224.
- MATEOS, R.S. e PEREIRA, J.A. (2006): “Sepultura 1 da Ribeira de Arade. Cista Tarso-Romana”. *Xelb* 6 (II): 75-86.
- MAYS, S. (1998): *The Archaeology of Human Bones*. Londres.
- MÉNDEZ MADARIAGA, A. e RASCÓN, S. (1989): *Los Visigodos en Alcalá de Henares*. Cuadernos del Juncal 1. Madrid.
- MEZQUÍRIZ, M.A. (1965): “Necrópolis visigoda de Pamplona”. *Príncipe de Viana* 98-99: 107-131.

- MOLINERO, A. (1948): “La necrópolis visigoda de Duratón (Segovia). Madrid: Ministerio de Educación Nacional”. *Acta Arqueologica Hispanica* 4. Madrid.
- NOLEN, J.U.S. (1985): *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa.
- PINTO, V.I. (2003): *A cerâmica comum das Villae Romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa.
- RIPOLL, G. (1985): *La necropolis visigoda de El Carpio del Tajo (Toledo)*. Excavaciones Arqueológicas en España 142. Madrid.
- RIPOLL, G. (1998): *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII d.C.)*. Barcelona.
- ROCHA, L., GONÇALVES, M.J. e SANTOS, A. (2003): “A Sepultura Tardo-Romana da Perna Seca – Intervenção de Emergência”. *Xelb* 4: 145-150.
- VARELA GOMES, M. (2002): “A Necrópole Visigótica do Poço dos Mouros”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (2): 339-391.
- VARELA GOMES, M. (2010): “Testemunhos de duas necrópoles tardo-romanas de S. Bartolomeu de Messines, Silves (Vale dos Corgos e Bica Alta)”. *Xelb* 10: 373-383.
- VIANA, A. e DEUS, A.D. de (1955): *Nuevas necrópolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal)*. Madrid.